

## **A ontologia e a contradição do ser e do dever: pequena apresentação da hipótese da equipolência entre identidade e diferença**

Michael Pontes de Abreu

### **Introdução**

Neste artigo demonstraremos sumariamente uma das inconsistências em que incorrem duas vertentes ontológicas conhecidas: a contradição do ser e do dever. Todavia, ao contrário do que, em geral, mas, erradamente, se conclui: da inconsistência de um discurso especulativo não se segue a elisão de sua razoabilidade, pois, tal como um argumento válido não é necessariamente verdadeiro, um argumento inválido não é necessariamente falso, podendo, inclusive, ser sumamente razoável, como é o caso das duas vertentes ontológicas que examinaremos. O erro envolvido neste tipo de avaliação é fácil de se entender: confunde-se a razoabilidade dos discursos especulativos com o Real que eles fazem compreender, como se houvesse alguma espécie de *adaequatio* entre eles e o Real, e, assim, quando se verifica a inconsistência de um discurso especulativo, se fica obrigado a recusar sua razoabilidade, pois, se razoabilidade envolve algum tipo de *adaequatio*, e o discurso é inconsistente e razoável, torna-se necessário que no próprio Real a que se refere o discurso esteja o desdito do dito (inconsistência) que ele traz consigo, o que é absurdo. Todavia, como a *adaequatio* não é passível de prova, e, mesmo, é impossível por vários motivos (mas, não demonstraremos isso aqui), segue-se que podem existir discursos especulativos inconsistentes e razoáveis.

### **Das duas vertentes ontológicas em exame**

De acordo com nossos estudos em Meta-Ontologia, disciplina que tem por objeto as concepções acerca do que seja o ente enquanto ente (EEE), e os desenvolvimentos especulativos ligados a essas concepções, existem duas e pelo menos duas maneiras de se conceber o EEE, e dois e pelo menos dois desenvolvimentos especulativos ligados a essas concepções. Designamos por *Ontologia da Identidade (OI)* todo desenvolvimento especulativo que tenha por base a concepção de que o EEE é *apenas idêntico a si mesmo* ( $II^1$ ), e por *Ontologia da Diferença (OD)* todo desenvolvimento especulativo que tenha por base a concepção de que o EEE é *apenas diferente de si mesmo* ( $DI^1$ )<sup>12</sup>.

Assim, como EEE é toda e qualquer entidade, não importando, nem quais, nem quantas, elas sejam, da concepção do EEE segue-se a mesma concepção para toda e qualquer entidade, não importando, nem quais, nem quantas, elas sejam. Logo, não importando se são extra-mentais, extra-lingüísticas, mentais, ou lingüísticas, nem, tampouco, se são Eu, espaço, tempo, significado, matéria, etc, se o EEE é concebido como  $II^1$ , assim será a natureza primária de todas as entidades, e se o EEE é concebido como  $DI^1$ , assim, também, será a natureza primária de todas as entidades.

---

<sup>12</sup> Para situarmos o leitor, constam como os que designamos ‘filósofos da identidade’: Pitágoras, Demócrito, Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Ockham, Descartes, Kant, Frege, Russell, Carnap, Wittgenstein, Quine, Habermas, etc. De outra parte, constam como os que designamos ‘filósofos da diferença’: Heráclito, aparentemente Empédocles e Anaxágoras, os sofistas, com certas restrições os estóicos, também com certas restrições os místicos cristãos, tais como Nicolau de Cusa e Mestre Eckart, Montaigne sob certos aspectos, também Espinosa e Kierkegaard sob muitos aspectos (essenciais), e, contemporaneamente, Nietzsche, Bergson, Heidegger, Derrida, Deleuze, Foucault, etc.

## Das concepções acerca do EEE: Eu, significação, e orientação

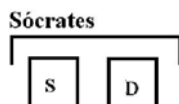
Antes de iniciarmos essa exposição, é importante termos em mente que  $II^1$  e  $DI^1$  são duas concepções distintas acerca do que seja o EEE, e, assim, não podem ser, pura e simplesmente, lidas uma pela outra. Todavia, por conta da querela entre OI e OD, o que mais se verifica, ao longo da história do pensamento especulativo, são as errôneas leituras de uma concepção pela outra. Assim, para o bom entendimento do que passaremos a apresentar, o leitor não deve reproduzir esse padrão. Mais à frente, isto ficará mais claro.

1. De acordo com OI, o EEE é apenas idêntico a si mesmo ( $II^1$ ), no sentido de ser algo de-limitado, de-terminado, de-finito, uma unidade, de tal maneira, que cada entidade termina em si mesma, e está sempre em alguma condição de-terminada, ainda que seja por um mínimo de tempo, em um mínimo de posição, não havendo como duas coisas estarem na mesma posição ao mesmo tempo.

Dentre as entidades está o nosso ser si mesmo, Eu, que, por conseguinte, também, é  $II^1$ . Acerca do Eu, então, OI diz que ele está no mundo de dois modos: *Ego Racional*, enquanto aquilo que nós fundamentalmente somos, caracterizado por pensar e expressar a significação *Dictum* (e.g.: “Sócrates está saudável agora, e está doente depois”), e *Não-Ego Irracional*, enquanto modo “iludido” de estarmos no mundo, caracterizado por pensar e expressar a significação *Contra-Dictum* (e.g.: “Sócrates está saudável e doente ao mesmo tempo”).

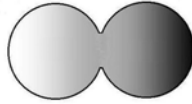
Coerente com isto, OI afirma que *Dictum* é o modo de significação correta acerca do que o Real seja, afim com o EEE concebido como  $II^1$ , envolvendo os benefícios

atinentes a essa correção, ao tempo em que, *Contra-Dictum* é o modo de significação “iludida” acerca do que o Real seja, envolvendo os malefícios atinentes a essa “ilusão”. Do *Contra-Dictum*, então, diz-se que são “ilusões” da mente, e/ou da linguagem. Seguem-se as figurações de *Dictum* e *Contra-Dictum*:



Por fim, OI afirma que nós temos de nos orientar a favor do *Dictum*, e contra o *Contra-Dictum*, ou seja, a favor do *Ego Racional*, que é aquilo que nós fundamentalmente somos, e contra o *Não-Ego Irracional*; estando envolvido nesta orientação, como se verifica, uma coerência com o EEE, conosco mesmo, com os outros seres humanos, e com aquilo que há de benéfico. Assim, como não poderia ser de outro jeito, tal orientação só é possível, exatamente, porque, existem pelo menos dois caminhos a seguir, o do oriente correto, e o do contra-oriente “iludido”, sem o que, ter-se-ia de estar buscando ser o que já se é, *Ego Racional*, e fazer o que já se faz, *Dictum*.

2. Por sua vez, de acordo com OD, o EEE é diferente de si mesmo (DI<sup>1</sup>), no sentido de ser algo não delimitado, não de-terminado, não de-finido, um devir, uma passagem, de tal maneira, que, cada entidade não termina em si mesma, é imanente a toda outra, e sempre já está *de uma condição à outra*. Assim, por exemplo, nunca há nenhum escuro determinado, nenhum claro determinado, mas, sempre já de mais a menos claro, de mais a menos escuro, claro-escuro, escuro-claro, pois, *nada é apenas o que é*.



Dentre as entidades está o nosso ser si mesmo, Eu, que, por conseguinte, também, é  $DI^1$ . Acerca do Eu, então, OD diz que ele está no mundo de dois modos: *Não-Ego Autêntico*, enquanto aquilo que nós fundamentalmente somos, que se caracteriza por pensar e expressar a significação *ViceDictum* (terminologia de Deleuze, e.g.: “saudável-doente”), e *Ego Inautêntico*, enquanto modo iludido de estarmos no mundo, que se caracteriza por pensar e expressar a significação *Contra-ViceDictum* (terminologia nossa, e.g.: “a saúde e a doença”). Seguem-se as figurações de *ViceDictum* e *Contra-ViceDictum*:



Coerente com isto, OD afirma que *ViceDictum* é o modo de significação correta acerca do que o Real seja, afim com o  $EEE$  concebido como  $DI^1$ , envolvendo os benefícios atinentes a essa correção, ao tempo em que, *Contra-ViceDictum* é o modo de significação “iludida” acerca do que o Real seja, envolvendo os malefícios atinentes a essa “ilusão”. Do *Contra-ViceDictum*, então, diz-se que são “ilusões” da mente, e/ou da linguagem.

Por fim, OD afirma que nós temos de nos orientar a favor do *ViceDictum*, e contra o *Contra-ViceDictum*, ou seja, a favor do *Não-Ego Autêntico*, que é aquilo que nós fundamentalmente somos, e contra o *Ego Inautêntico*; estando envolvido nesta orientação, como se verifica, uma

coerência com o EEE, conosco mesmo, com os outros seres humanos, e com aquilo que há de benéfico. Assim, como não poderia ser de outro jeito, tal orientação só é possível, exatamente, porque, existem pelo menos dois caminhos a seguir, o do oriente correto, e o do contra-oriente “iludido”, sem o que, ter-se-ia de estar buscando ser o que já se é, *Não-Ego Autêntico*, e fazer o que já se faz, *ViceDictum*.

Adendo:

Ao longo da querela entre OI e OD, muitas injustiças têm sido cometidas, e muitas confusões têm sido perpetradas, pelas errôneas leituras das concepções do EEE uma pela outra. Dentre as principais confusões: Contra-Dictum = ViceDictum, de onde se segue, que Não-Ego Irracional = Não-Ego Autêntico, e Contra-Vice-Dictum = Dictum, de onde se segue que Ego Racional = Ego Inautêntico. Contudo, é fácil verificarmos os erros dessas leituras:

1. O Contra-Dictum do Ego Irracional é a *redução do geral ao particular*. Exemplos de Contra-Dictum ocorrem quando um ser humano nos faz algum mal e concluímos que a humanidade inteira é maligna (“Que desgraçado! O ser humano não vale nada mesmo”), pelo que, reduzimos todo o mal àquele mal, e todos os seres humanos àquele ser humano. Por fim, como não se deixará de reconhecer a existência de atos bons, estar-se-á dizendo que bem e mal, saúde e doença, etc, é *tudo a mesma coisa, dá no mesmo* (daí a idéia que de uma contradição se segue qualquer coisa).

2. O Vice-Dictum do Não-Ego Autêntico é a *consideração do geral pelo particular*. Exemplos de ViceDictum ocorrem quando nós avaliamos que uma vitória não nos faz vitoriosos, e que imanente à vitória

pode estar a derrota eminente, pelo que, passamos a considerar toda vitória a partir do *fatum* singular e acidental de cada uma delas. Um caso interessante de ViceDictum aparece quando construímos um muro entorno de nossa casa. Com isso, parece que vencemos o inimigo de fora e protegemos o interior. Pragmaticamente, é isso que ocorre. Todavia, ontologicamente, o ViceDictum envolve a compreensão de que *nada é apenas o que é*, pois, o muro está lá *pelo ladrão*, e o ladrão estará lá *pelo muro*, pois, quem mura sua casa tem algo valioso a proteger. Não é apenas um problema pragmático. É um problema de *Ética*.

3. O Contra-ViceDictum do Ego Inautêntico é *a redução do particular ao geral*. Exemplos de Contra-ViceDictum ocorrem quando, ao fazermos uma estatística, reduzimos pessoas a números. Um outro exemplo, são os casos em que reduzimos o ser humano à qualidade do ato que praticou. Assim, se reduz o ato do assassinato à qualidade do ato, e o ser humano que cometeu o crime à qualidade do ato que praticou, pelo que, se obtém *o assassino*. Em suma, é quando não se leva em conta, nem as exceções, nem as circunstâncias.

4. O Dictum do Ego Racional é *a consideração do particular pelo geral*. Exemplos de Dictum ocorrem quando fazemos uma estatística e não reduzimos pessoas a números, ou quando, pela descoberta de uma lei natural, não desdenhamos das exceções.

Por conseguinte, como facilmente se verifica, os modos do Eu estar no mundo, e as significações atreladas a esses modos, encontradas por OI e OD, não apenas, são distintas entre si, mas, também, efetivamente, parecem existir, de tal maneira, que, não serão as inconsistências que veremos a seguir que elidirão a patente razoabilidade do que OI e OD encontraram.

### **Da contradição do ser e do dever**

De tudo o que apresentamos, então, não é difícil extrairmos *a contradição do ser e do dever*, pois, como dissemos, não pode haver oriente sem contra-oriente, posto que, assim, estar-se-ia buscando ser o que já se é, e fazer o que já se faz, o que é absurdo, ao tempo em que é isso que se segue das teses de OI e OD:

1. Se, *EEE* é toda e qualquer entidade, não importando, nem quais, nem quantas, elas sejam, e da concepção do *EEE* se segue a mesma concepção para toda e qualquer entidade, não importando, nem quais, nem quantas, elas sejam, então, não importando se são *mentais*, *lingüísticas*, ou *Eu*, segue-se a mesma concepção.

2. Se o *EEE* é  $\text{II}^1$ , nosso *EU* é uma das entidades, e o nosso *Eu* é fundamentalmente *Ego Racional* a pensar e expressar o *Dictum*, então, sob pena de se contradizer a concepção do *EEE*, é impossível que existam *Não-Ego Irracional* e *Contra-Dictum* (mesmo enquanto “ilusão” da mente, e/ou da linguagem), e, portanto, impossível nos orientarmos, pois, teríamos de estar buscando ser o que já somos, *Ego Racional*, e fazer o que já fazemos, *Dictum*, o que é absurdo. Valendo o mesmo para OD.

Logo, tanto para OI, quanto para OD, resta uma patente *dicotomia ontológica*, e, assim, a existência conceitual de quatro Reais, quatro Eus, e quatro significações, na medida em que OI e OD tomam os dois modos dos seus Eus, e suas significações atreladas, como existentes.

### **Corrigindo a contradição do ser e do dever**

Segue-se, então, que, ou se mantêm as concepções do *EEE* como  $\text{II}^1$  e  $\text{DI}^1$ , e perde-se tudo, ou *se assume não se ter claro o que seja o EEE*, e mantêm-se: *Ego Racional*

e Dictum, Não-Ego Irracional e Contra-Dictum; e, Não-Ego Autêntico e ViceDictum, e Ego Inautêntico e Contra-ViceDictum. Não obstante, a alternativa é óbvia, pois, como vimos, os modos do Eu estar no mundo, e suas significações atreladas, parecem ser efetivamente factuais e existentes, tal como, também, o consideram OI e OD.

Conseqüentemente, *assumindo-se que não há clareza acerca do que seja o EEE*, ao invés de quatro Reais, quatro Eus, e quatro significações, podemos voltar a ter um Real para cada uma das vertentes ontológicas, com os seus dois modos do Eu, e as duas significações atreladas. Mas, mais do que isso, pois: 1. como não sabemos bem o que é o EEE; 2. mostramos que Dictum não é Contra-ViceDictum, e, assim, que, Ego Racional não é Ego Inautêntico, e que ViceDictum não é Contra-Dictum, e, assim, que Não-Ego Autêntico não é Não-Ego Irracional; e, 3. todos esses modos do Eu e suas significações parecem existir neste mesmo Real em que nós estamos; então, podemos ter *um Real*, quatro modos do Eu, e quatro significações atreladas.

Vejamos, então, se isso é possível, por uma exposição fictícia, mas, corriqueira, da vida de um único ser humano:

João trabalha como cientista e professor na Universidade. Em sua juventude, empregando sua Racionalidade, considerou o particular pelo geral e desenvolveu uma importante tese que logo veio a ser reconhecida no mundo todo com um passo decisivo em sua área de atuação. Vinte anos depois, em uma aula de graduação, Pedro, seu aluno, lhe pergunta se tal ou tal coisa não seria uma exceção a sua tão consagrada teoria, pelo que, quase sem pestanejar, responde que não. Com a repetida insistência do aluno ao longo dos anos, João perde um tanto da compostura, e diz que Pedro está se

portando de maneira pretensiosa, pelo que, rompem relação. Já no doutorado, Pedro comprova seu argumento, ficando patente para o próprio João que ele havia reduzido o particular ao geral, não dando espaço para as exceções particulares que poderiam existir; tendo, então, agido de maneira inautêntica quanto a isso. Não obstante, Pedro não apenas provou seu argumento, como, também, desenvolveu uma teoria maior que a de João, anexando-a a sua própria, tendo, para isso, se utilizado e desenvolvido algumas considerações, que, antes, João apresentara em suas aulas. De fato, não o fez por mal, mas, João, ficou inconformado. Tão inconformado, que, finalmente, inferiu: “Pedro, oportunista! O ser humano é oportunista mesmo”, e, tão logo, passou a agir sob a égide da dita inferência, de maneira a confundir o particular com o geral, irracionalmente. Viveu, então, o outrora consagrado professor, como se o mal fosse uma espécie de constante universal, dia a dia, perdendo, inclusive, a vontade de lecionar. Em determinado momento de sua vida, então, João percebeu que tudo aquilo era absurdo, pois, de fato, fora ele mesmo que viera preparando o seu próprio tormento desde cedo, quando, outrora, sobrevalorou suas vitórias, pelo que, automaticamente, subvalorou as suas derrotas. Com isso, João percebeu que não apenas trouxera para si mesmo o mal, mas, também, que o espalhara pelo entorno, pois, sobrevalorando suas vitórias, sobrevalorou a si mesmo, e subvalorou Pedro. Por conseguinte, notou o professor, que, não sobrevalorando suas vitórias, não subvalorava as suas derrotas, e passou a considerar o geral pelo particular, i.e., os valores dicotômicos de vitória (bem), e derrota (mal), a partir da estima daquilo que de factualmente bom e mau ocorria em sua vida (*amor fati*). De João, então, diz-se que se tornou ótimo professor, e tendo voltado a pesquisar, passou à consideração do

particular pelo geral, quando devido, e à consideração do geral pelo particular, quando devido, espalhando ambos benefícios pelo entorno.

### **Conclusão**

Logo, se tudo o que dissemos é minimamente razoável, então, o *Real inteiro* deve ser algo de tal natureza, que, comporte, o Real de OI, e o Real de OD, cujo EEE não pode ser, nem *apenas idêntico a si mesmo* (II<sup>1</sup>), nem *apenas diferente de si mesmo* (DI<sup>1</sup>), mas, possivelmente, *idêntico-diferente de si mesmo* (II DI). Notadamente, porque, este *Real inteiro*, é lido, com suma razoabilidade, tanto por Dictum, quanto por Vice-Dictum. Não sendo à toa, que OI e OD têm mais de 2500 anos. A esse resultado, de que o EEE seja *II DI* nós designamos: *hipótese da equipolência entre identidade e diferença*.